

Contação de histórias:

uma experiência da Assistência à Docência em
uma escola ribeirinha

Larissa Cavalcante Barboza

Laura Rayssa Miranda Viana

Ana Michelle de Carvalho Martins

Maria do Perpétuo Socorro Sotero da Silva

Contaçon de histórias: uma experiência da Assistênça à Docênça em uma escola ribeirinha

Larissa Cavalcante Barboza²⁸

Laura Rayssa Miranda Viana²⁹

Ana Michelle de Carvalho Martins³⁰

Maria do Perpétuo Socorro Sotero da Silva³¹

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade partilhar experiências vivenciadas em sala de aula por duas graduandas do curso de Letras em uma Escola ribeirinha da Rede Municipal de Manaus: Escola Municipal Prof^a Dian Kelly do Nascimento Mota. As práticas docentes aconteceram em uma turma de Educação Infantil, de segundo período,

28 Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: larilcb02@gmail.com

29 Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: lrmv.let18@uea.edu.br

30 Professora pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED/Manaus. E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

31 Professora e pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora pedagógica do PAD; Formadora da Divisão do Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED/Manaus. E-mail: helpsotero@hotmail.com

e foram oportunizadas pelo Projeto de Assistência à Docência (PAD) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED). A partir dessa experiência, objetivou-se aplicar os conhecimentos obtidos em formações do PAD no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE), de forma que a contação de histórias estimulasse a curiosidade e a interação das crianças em relação à leitura. No decorrer do artigo, são trazidos os resultados dessa atividade, com os devidos detalhamentos. Ademais, no corpo deste relato, estão presentes as trajetórias acadêmicas das discentes, as vivências no chão da escola, aprendizados no LEPETE, a atividade de contação de história desenvolvida na escola ribeirinha e reflexões acerca dessa experiência. Como embasamento teórico, foram contempladas as visões de Paulo Freire (1989), Simone Follador (2011), Isabel Solé (2014), além das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI, 2010).

Palavras-chave: Contação de histórias; Educação Infantil; Escola Ribeirinha.

ABSTRACT

The purpose of this work is to share experiences lived in the classroom by two graduate students of the Literature course in a riverside School of the Municipal Network of Manaus: Escola Municipal Prof^a Dian Kelly do Nascimento Mota. The teaching practices took place in a class of Early Childhood Education, in the second period, and were made possible by the Teaching Assistance Project (PAD) of the State University of Amazonas/UEA in partnership with the Municipal Secretariat of Education of Manaus (SEMED). Based on this experience, the objective was to apply the knowledge obtained in PAD training at the Teaching, Research and Transdisciplinary Experiences in Education

Laboratory (LEPETE), so that storytelling would stimulate children's curiosity and interaction in relation to reading. . Throughout the article, the results of this activity are presented, with the necessary details. Furthermore, in the body of this report, the academic trajectories of the students, the experiences on the school floor, learning at LEPETE, the storytelling activity developed at the riverside school and reflections about this experience are present. As a theoretical basis, the views of Paulo Freire (1989), Simone Follador (2011), Isabel Solé (2014) were contemplated, in addition to the National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (DCNEI, 2010).

Keywords: Storytelling; Child education; Riverside School.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente relato tem como objetivo discorrer sobre as experiências vivenciadas no chão da escola por duas graduandas do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, sendo uma da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e outra da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). As práticas foram realizadas com a turma do 2º período da Educação Infantil na Escola Municipal Profª. Dian Kelly do Nascimento Mota, localizada na Comunidade do Abelha, no Rio Negro, Manaus - Amazonas. Essas vivências foram possibilitadas por meio do Projeto Oficinas de Formação em Serviço (OFS) e Projeto Assistência à Docência (PAD), realizado pelo Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED).

O projeto de Assistência à Docência é direcionado à formação inicial dos discentes de licenciatura com o propósito de aproximar a Universidade da escola, viabilizando aos Assistentes à Docência

(AD) uma aproximação entre a prática e o teórico-metodológico. O projeto é articulado com as Oficinas de Formação em Serviço (OFS) e permite que não ocorram interrupções durante as formações dos professores, pois os assistentes à docência assumem as salas enquanto os professores estão em formação.

Desse modo, o projeto vem promovendo uma expansão dos nossos saberes enquanto professoras em formação, por meio dos estudos realizados e experiências vivenciadas no chão da escola que enriquecem nossas jornadas e formam nossas identidades profissionais. Aspirando utilizar a contação de histórias como um meio de mediar conhecimentos e estimular a imaginação, este trabalho se fundamenta nos pressupostos teóricos de Paulo Freire (1989), Simone Follador (2011), Isabel Solé (2014), e nas atividades da Assistência à Docência para relatar as experiências vivenciadas na sala de referência.

Iniciamos este trabalho com a descrição de nossas trajetórias acadêmicas e como o projeto de Assistência à Docência contribui para o nosso desenvolvimento profissional. Na sequência é apresentado o relato das atividades realizadas na sala de aula, além da descrição do percurso até chegar à escola ribeirinha em questão e contextualização da turma trabalhada. Já a seção três apresenta a fundamentação teórica que embasa a análise das práticas pedagógicas relatadas e descreve, em seguida, a importância das práticas formativas para nossas atuações enquanto AD. Por fim, foram expostas as considerações finais a respeito do que foi relatado.

TRAJETÓRIAS DE DUAS GRADUANDAS EM LETRAS

Eu me chamo Larissa Cavalcante Barboza, tenho vinte e cinco anos e sou finalista do curso de Licenciatura em Letras - Língua e Literatura Portuguesa, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Desde meus sete anos de idade, percebi a minha afinidade com a linguagem, principalmente escrita, porque gostava de criar histórias e escrevê-las. Desde aí, decidi que seria escritora, porque sentia

prazer em materializar minhas criações, até mesmo nas brincadeiras. Apreciava também brincar de escola com meus primos, e muitas vezes fui a professora, apesar de não cogitar a profissão docente durante muito tempo, por ter sido uma criança e adolescente extremamente tímida. Entretanto, o ambiente escolar sempre foi muito atrativo para mim, pois não gostava de faltar às aulas, nem de tirar notas baixas, e cultivava grande admiração pelos meus professores.

Aos treze anos, mudei minha profissão dos sonhos (ser escritora), por ter ouvido de uma professora (ironicamente, de Língua Portuguesa) que a carreira não daria dinheiro. Hoje em dia, não entendo como uma frustração negativa porque não desisti totalmente do meu sonho, mas foi um passo para eu pensar em uma profissão com que se pudesse viver nesse mundo que, infelizmente, tudo é pelo dinheiro, é assim que sobrevivemos. Então, decidi que iria para o jornalismo, porque lá poderia usar minha escrita e não teria que me comunicar muito com pessoas. Pelo menos, era o que eu pensava, ingenuamente, esquecendo-me que o nome do curso é “Comunicação Social”. Com dezessete anos, já na última série do Ensino Médio, optei pelo curso de Direito. Não que fosse exatamente um desejo meu, acabei me deixando levar por opiniões alheias, seja da minha família, seja da minha escola, que priorizava o seu marketing com alunos aprovados no vestibular.

Fui aprovada no curso de Direito e entrei na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em 2016, mas desisti depois do primeiro ano de curso, por não me identificar e não sentir que conseguiria dar prosseguimento. O curso de Letras, até então, era apenas um desejo distante, porque eu sabia que para entrar em uma Licenciatura teria que “ter jeito” para a docência, mas meu pavor de falar em público ainda persistia, mal conseguia olhar nos olhos das pessoas diretamente. No entanto, em 2017 comecei a dar aulas de Língua Portuguesa para algumas alunas do Ensino Fundamental, como forma de ter um acréscimo financeiro ao estágio remunerado. Foi ali que percebi como me identificava com o ensino, e foi determinante para minha escolha do curso de Letras nos vestibulares que prestei naquele ano.

Em 2018, entrei no curso de Letras, na UFAM, foi quando me encontrei e percebi que seguiria nessa área. No mesmo ano, pude entrar no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no qual tive minhas primeiras experiências com a sala de aula, em turmas de sexto ano do Ensino Fundamental, e tive a certeza absoluta sobre minha escolha de Licenciatura. No ano seguinte, fiz minha primeira iniciação científica, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), e por meio dele pude me aproximar ainda mais da literatura, que é a minha preferência na área de Letras. No ano de 2020, apesar da pandemia, foi aberto um edital de Residência Pedagógica, do qual pude participar e ter uma outra experiência com a docência, dessa vez com turmas de terceiro ano do Ensino Médio, e de forma predominantemente remota. Atualmente, estou realizando minha segunda iniciação científica.

Entre no LEPETE em outubro de 2021, por meio da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), que me convocou pela minha colocação, decorrente de um Concurso de Estágio da prefeitura, ocorrido em 2020. Minhas expectativas eram altas, e foram supridas, pois neste tempo que estive participando das atividades, recebi saldos positivos para minha formação profissional, e foi um privilégio estar rodeada de pessoas tão engajadas na luta por um ensino público de qualidade. Pude compreender melhor que a docência é um aprendizado que se adquire na ação e não somente na teoria, ainda que a união entre teoria e prática, com nossas idas às escolas e as formações, tenham sido fundamentais para a construção do conhecimento. Atualmente (2023), estou no 9º (e último) período na Universidade, em breve serei graduada e poderei levar comigo um pouco do LEPETE e das minhas experiências.

Eu, Laura Rayssa Miranda Viana, sou assistente do PAD/ LEPETE e também, finalista do curso de Licenciatura em Letras - Língua e Literatura Portuguesa, pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Notei em mim, desde a infância, uma vocação para ensinar. Ensinava meus colegas da escola alguns conteúdos de Língua Portuguesa e brincava de ser professora deles, mas, por uma boa

parte dos anos, ignorei essa vocação. Porém, no Ensino Médio, tive um professor que me inspirou a seguir o coração e cursar Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa. Então, no fim do Ensino Médio, optei pelo curso de Letras e consegui ser aprovada pela UEA.

Ingressei na Universidade em 2018 e desde então sinto que estou no caminho certo. Ainda no ano de 2018, pude entrar no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), onde vivenciei as primeiras práticas em sala de aula, em turmas de nono ano do Ensino Fundamental. Foi um ano repleto de experiências enriquecedoras para o meu fazer docente.

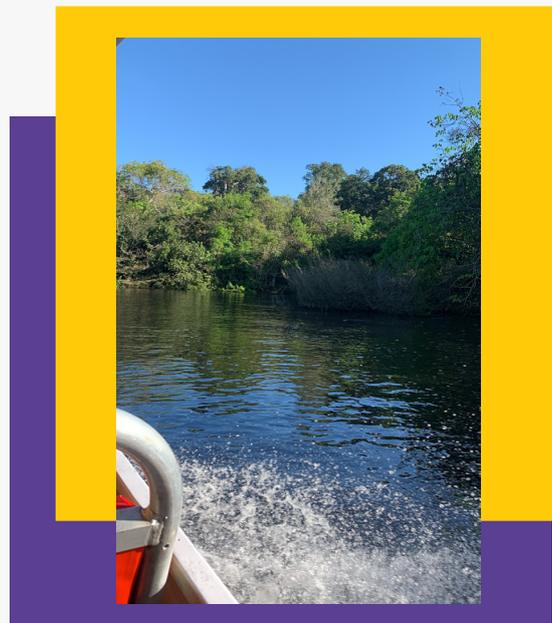
Em 2019 ouvi falar do LEPETE, do quanto era um espaço diferenciado e que possuía projetos que não se limitavam apenas a uma ou outra Licenciatura, então fiquei interessada. Consegui, semanas depois, uma bolsa para atuar no Projeto de Assistência à Docência (PAD) e foi assim que o meu perfil profissional foi se aprimorando e experiências enriquecedoras na realidade escolar passaram a fazer parte do meu cotidiano. Hoje sou finalista do curso de Letras e sei que estou na condição de eterna aprendiz, mas também tenho plena convicção de que o LEPETE intensifica esse processo de aprendizagem, de preparação profissional e de amadurecimento.

O COTIDIANO DE UMA ESCOLA RIBEIRINHA: NO TRAJETO DA ESTRADA AO RIO

A escola municipal Prof^a Dian Kelly do Nascimento Mota se situa na zona rural de Manaus -AM, na Comunidade Abelha. É ribeirinha, localiza-se nas proximidades do Rio Negro, e a nossa locomoção era realizada por meio de lanchas disponibilizadas pela SEMED, nas nossas idas à escola. Quando era dia de realizar nossa ação nesta unidade de ensino, precisávamos acordar mais cedo, porque a van que nos levaria até o porto Marina do Davi saía às 6h30 da manhã, diferente das escolas urbanas, cuja saída era às 7h. Como a escola Dian Kelly é mais distante, precisávamos contar com duas locomoções: de van

e de lancha. Podemos até mesmo inserir a terceira, que é o pequeno trajeto a pé que fazíamos da lancha para a escola, na estrada de terra que nos conduzia até nosso destino. A viagem era um pouco longa, mas nem por isso desgastante, uma vez que a vista para o rio tranquilizava nossos nervos, nos fazendo adentrar em uma atmosfera mais tranquila, se pensarmos em relação ao corre-corre da vida urbana. Embora o sono e o cansaço matinal quisessem nos possuir de alguma forma, o caminho e o destino eram sempre nossos motivadores, a imagem abaixo (Figura 1) traz as memórias afetivas desse deslocamento até a escola, visto que o contato com a natureza também nos trazia a sensação de bem-estar, e na escola éramos sempre muito acolhidos.

Figura 1: Durante o trajeto de lancha para a escola



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

A escola conta com 07 salas de aula, todas direcionadas para a Educação Infantil e Ensino Fundamental I. As turmas são pequenas, com quantidades reduzidas de alunos, o que facilitava, a nosso ver, o olhar mais individualizado do professor sobre a criança, de forma que as dificuldades particulares pudessem ser melhor percebidas. A escola é de turno integral, com início às 7h e término às 15h. Logo que chegam, os alunos tomam café da manhã, antes de se encaminharem para as salas de aula. Alguns chegam por volta de 8h30, devido ao

trajeto da lancha escolar até à escola que é rural, mas todos fazem sua refeição antes de irem para a sala. Muitos desses alunos moram em comunidades mais distantes e por isso o deslocamento é feito através de lancha escolar, que é um transporte disponibilizado pela SEMED.

Além da rotina do café da manhã, os alunos também possuem uma rotina específica para a hora do almoço e do descanso. Depois do café da manhã, as atividades geralmente são realizadas em sala de aula, ou no pátio da escola quando a disciplina é Educação Física. Às 10h30 eles são levados ao refeitório para o almoço, formam uma fila e se direcionam às mesas, que são bem próximas da sala de aula. A maioria das crianças pega seu próprio almoço, de forma independente, mas alguns nós auxiliamos. As manipuladoras de alimentos conhecem cada criança, sabem a quantidade de comida que cada uma costuma consumir e colocam apenas o necessário, embora todos possam repetir se quiserem. Depois que as crianças acabam de almoçar, são direcionadas novamente à sala de aula, dessa vez para se organizarem para escovar os dentes e beber água. Geralmente, são dois assistentes à docência atuando em cada turma, como foi conosco e a dinâmica após o almoço é a seguinte: uma AD fica dentro da sala de referência, próxima à porta, para acompanhar e ter ciência de quem está saindo ou entrando e a outra fica no pátio para conduzir aqueles que estão no banheiro ou no bebedouro. Após tudo isso, eles descansam em colchonetes dentro da sala e neste momento aguardamos a volta da professora responsável pela turma, para poder dar o *feedback* sobre as atividades realizadas. Por fim, encerramos nossas atividades de Assistência à Docência e retornamos para o LEPETE.

Figura 2: Horário do almoço com a turma



Fonte: Arquivo LEPETE/UEA (2022)

Na figura 2, é possível perceber o momento da rotina em que as crianças almoçam, juntamente com o nosso acompanhamento. Diante dessa prática no cotidiano da escola e da Assistência à Docência, a turma da qual ficamos responsáveis foi o segundo período. No dia que fomos, havia oito alunos, sendo sete meninos e somente uma menina. De uma forma geral, eram crianças que tinham autonomia e desenvoltura para fazer as atividades. Percebemos também que eles eram extremamente comunicativos e carinhosos, disputavam atenção e espaço, pois queriam nos abraçar constantemente e pedir ajuda com as atividades, mesmo que soubessem fazê-las integralmente. Dessa forma, o afeto era também uma maneira de se comunicar, e pudemos notar que através dessa conexão que desenvolvemos com eles, o processo de aprendizado se tornava mais leve e prazeroso.

PRÁTICA PEDAGÓGICA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

No dia 26 de maio de 2022, ficamos responsáveis pela turma de segundo período, como já mencionado. Ao chegarmos na sala, fomos orientadas pela professora de referência sobre as experiências que ela

estava realizando com as crianças, a partir da coordenação motora e as brincadeiras com as vogais. Nesse sentido, auxiliamos a turma na finalização da atividade para, em seguida, fazermos a acolhida.

Fizemos, então, uma rodinha com as crianças da turma, momento que faz parte da rotina da Educação Infantil. Em seguida, resolvemos fazer uma leitura com eles, uma vez que, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010) está prevista no currículo a vivência de experiências no contato das crianças com textos diversos. A experiência 3, presente nos Campos de Experiências da Educação Infantil trata das “Narrativas e Gêneros Textuais orais e escritos”, que prevê a interação da criança com linguagens diversas, sejam orais ou escritas, através de narrativas ou outros gêneros.

Escolhemos o livro “Coisa de menina ou Coisa de menino”, de Pri Ferrari, para realizar a leitura. Nele, a autora lista atividades que são “coisa de menina”, na primeira seção, e na segunda, as que são “coisa de menino”. Antes de iniciarmos a leitura, perguntamos a eles o que achavam que as meninas faziam, e eles responderam “brincar de boneca”, “se maquiar”. Já quando perguntamos sobre as atividades dos meninos, disseram “brincar de futebol” e “andar de bicicleta”. O livro, entretanto, faz uma desconstrução do que é considerado feminino e masculino. Por exemplo, traz a ideia de que meninas podem escalar montanhas, serem astronautas; e que meninos podem cantar e dançar, usar a expressão e sensibilidade. Foi importante fazer essa leitura, porque havia apenas uma menina na turma, e também porque causou certo estranhamento neles, principalmente as atividades de meninas, que alguns afirmaram ser de menino. Quando lemos a parte que dizia que dançar é “coisa de menino”, alguns meninos demonstraram o gosto pela dança, mostrando, na prática, que não se limitavam aos papéis de gênero. Eles participaram ativamente da leitura, dialogando conosco sobre o conteúdo e percebendo detalhes nas imagens.

Foi de grande relevância questionarmos previamente sobre o que eles entendiam sobre “coisas de menina” e “coisas de menino” e dialogarmos com eles no decorrer da leitura, porque segundo Paulo

Freire (1989), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (p. 9). Isto é, a leitura não pode ser um processo apartado da realidade e das vivências daqueles que estão aprendendo. Pelo contrário, é necessário adentrar nesse mundo e se conectar com ele, de forma que não se imponha um conhecimento, e sim, que possa existir o diálogo e o questionamento.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010) propõem práticas pedagógicas, entre as quais é necessário garantir experiências que “Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros orais e escritos” (BRASIL, 2010, p. 25) Isto é, os documentos oficiais trazem os gêneros textuais como forma de as crianças terem certo contato com as linguagens, para o seu desenvolvimento. A principal linguagem trabalhada foi a oral, por meio das imagens do livro. Na figura 3, é possível notar a interação das crianças no momento da leitura, seja com o que observam no livro, seja verbalizando suas impressões sobre ele.

Figura 3: Atividade de leitura com os alunos



Fonte: Arquivo LEPETE/UEA (2022)

FORMAÇÃO CONTINUADA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM FOCO

Nos dias 23 de maio e 6 de junho de 2022, participamos das formações sobre contação de histórias ministradas pela escritora e professora formadora Adriana Barbosa. Naquelas formações entendemos que não basta apenas ler uma história para uma criança, mas sim inseri-la naquele contexto, seja através de elementos que auxiliem na contação (indumentárias e elementos sonoros que remetem à atmosfera da história), seja na própria entonação da voz, o que torna mais vivo o contexto da narrativa.

No primeiro dia de formação, sentamos no chão, onde havia vários livros distribuídos e alguns elementos que lembram a nossa região amazônica, como animais de pelúcia, um remo, e um pano verde sobre o qual sentamos. Discutimos um pouco sobre as histórias que ouvíamos quando crianças, contadas pelos mais velhos, especialmente as mais populares, relacionadas a mitos e lendas. Em seguida, a professora Adriana fez uma dinâmica em que uma caixa passava por todos até a música parar. Dentro dela, havia vários papéis contendo comandos que deveriam ser executados por quem estivesse com a caixa em mãos.

Ao final do primeiro dia de formação, a professora solicitou que trouxéssemos para o 2º encontro uma caixa contendo elementos ilustrativos para apresentar uma história previamente escolhida. O primeiro momento do segundo dia da formação foi para que apresentássemos o que tínhamos feito, para compartilhar essa estratégia de contação de histórias com os outros AD. Depois, fomos caminhar pela Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM), pois segundo a professora formadora, qualquer elemento no ambiente poderia ser o cenário para uma história.

Figura 4: Formação sobre contação de histórias



Fonte: Arquivo LEPETE/UEA (2022)

A figura 4 é um registro da caminhada que fizemos pela DDPM, e alguns AD estavam utilizando acessórios que poderiam despertar a criatividade. Ao retornarmos à sala, a formadora pediu para que desenhassemos um cenário fictício com base em algo que tivesse nos chamado a atenção por onde caminhamos. Foi interessante perceber como essas dinâmicas nos fizeram enxergar a contação de histórias como algo além de livros e gravuras, colocando-nos também como criadores, imaginativos. Para contar, é necessário também poder se envolver com a narrativa e isso pode trazer uma experiência ainda mais completa para a criança que está aprendendo.

A pesquisadora Simone Follador (2011), em sua dissertação de mestrado intitulada “Do sabor de contar histórias ao saber sobre a história para o ouvinte: estudo sobre a contribuição da contação de histórias ao desenvolvimento do pensamento na criança”, traz algumas considerações sobre a contação de histórias:

O ‘contar histórias’ faz parte da nossa vida e ouvir a própria história nos permite resignificá-la. Ao ouvir histórias, a criança torna-se produtora de leituras variadas, pois busca desenhar internamente através das pistas que a voz e a expressão do contador lhes trazem, memórias de um tempo vivenciado por ela ou não, de épocas e lugares, de personagens que conhece e dos que apenas ouviu falar, mas que fazem parte da sua existência (p. 15).

A criança, ao ouvir uma história, não apenas conhece um novo mundo, mas faz conexões com a sua vivência e percebe que também possui histórias para contar. Por isso, a contação de histórias é imprescindível para a expressão do aluno, para o desenvolvimento da sua linguagem e comunicação, além da consciência subjetiva da sua existência no mundo.

Solé (2014) também tece comentários sobre a importância da contação de histórias, afirmando que a participação em atividades conjuntas na Escola Infantil, como ler e contar histórias, propicia a construção do conhecimento da criança de que o escrito transmite uma mensagem. Isto é, as histórias têm sua relevância no interesse pela leitura, pois, a partir do momento que a criança cria consciência sobre a escrita transmitir uma mensagem, poderá enxergar a leitura para além da decodificação.

Nessa perspectiva, é notória a importância da contação de histórias para o desenvolvimento da criança em todos os contextos. Seja na escola, em casa, numa roda de conversa, em qualquer lugar, o ato de contar histórias será sempre construtivo. Foi avistando isso e visando enriquecer o processo de ensino-aprendizagem das crianças que trabalhamos com a contação de histórias em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência narrada, e das contextualizações e visões de autores, foi possível perceber a riqueza presente na atividade de contação de histórias. Para crianças que estão em processo de desenvolvimento das práticas de linguagem, essa interação com narrativas e personagens fictícios é uma forma de despertar nelas uma visão positiva sobre a leitura, não apenas centrada na decodificação de letras e palavras, mas sim na relação com significados. Essas significações estão presentes não apenas na história contada, mas também na bagagem que as crianças já possuem, com suas vivências de mundo. Solé (2014, p. 31) afirma que “o leitor constrói o significado do texto”, quer dizer, cada pessoa vai ler e interpretar o texto de uma

maneira, principalmente se tratando de um texto ficcional, como as histórias infantis. A leitura é, portanto, algo subjetivo, uma experiência única para cada leitor e as crianças fazem diferentes relações com aquilo que cada uma vive. A contação de histórias é uma maneira de estimular o interesse pela leitura, de forma que seja uma atividade prazerosa ao longo da formação desses indivíduos.

Dessa forma, a experiência com a turma de segundo período, aprimorada pelas formações e leituras feitas no decorrer da nossa atuação enquanto AD, foi enriquecedora, uma vez que pudemos aprender e contribuir com o ensino das crianças. Nossa formação em Letras, juntamente com nossas leituras sobre Educação Infantil, foram elementos essenciais para que pudéssemos expandir nosso conhecimento, reconhecendo também a literatura como algo essencial na formação de qualquer pessoa. Através do LEPETE e do PAD, pudemos levar o que aprendemos para uma escola ribeirinha e dialogar com crianças de realidades distantes da nossa, o que também nos fez aprender e refletir sobre a profissão docente.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Brasília: MEC, SEB, 2010.

FOLLADOR, Simone. **Do sabor de contar histórias ao saber sobre a história para o ouvinte: estudo sobre a contribuição da contação de histórias ao desenvolvimento do pensamento na criança.** Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 105. 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.